

Ângelo Gonçalves Vicente
Bernardo Penabade Rei

ORGULHO GALEGO NA DIÁSPORA



Conversa com
Higino Martins Estêvez

**Ângelo Gonçalves Vicente
Bernardo Penabade Rei**

ORGULHO GALEGO NA DIÁSPORA

**Conversa com
Higino Martins Estêvez**

Fundación Comarcal O Baixo Miño

ORGULHO GALEGO NA DIÁSPORA

AUTORES

Ângelo Gonçalves Vicente
Bernardo Penabade Rei

EDITA

Fundación Comarcal O Baixo Miño

FINANCIA

Consellería do Medio Rural. Dirección Xeral de Desenvolvemento Rural

COLABORAN

Concello de Oia
Asociación Galega da Lingua (AGAL)

FOTOGRAFÍAS

Arquivo Higinio Martins Estêvez
Ângelo Gonçalves Vicente
Gerardo Rebagliati
José Luis Vicente Lomba

IMPRIME

Gráficas Lomba

DEPÓSITO LEGAL

VG 596-2008

ÍNDICE

Limiar.....	7
Prólogo.....	9
Higino Martins.....	13
Oia, o país de Turonium.....	15
Formaçom académica em letras e direito.....	27
Cultura céltica	33
Tradutor.....	45
Gramático.....	49
Professor reintegracionista.....	53
Da Língua Galega	65

“Orgulho Galego Na Diáspora” -Conversa con Higinio Martins Estêvez- é unha viaxe da man do profesor Higinio ás terras galegas de alén mar.

A chamada *quinta provincia* galega confirma a súa identidade a través da figura de Higinio Martins, nado e residente en Bos Aires, mais galego de corazón e vocación. Este fillo de emigrantes procedentes das parroquias de Santa María de Oia e de Viladesuso, no concello de Oia, é un prestixioso intelectual, coñecido e recoñecido no plano internacional polos seus estudos lingüísticos, con os que ten defendido, con admirábel constancia e independencia, a lingua galega.

O libro pretende dar a coñecer a súa figura, xa que a pesar de realizar unha importante actividade de divulgación do galego no exterior é un descoñecido, para o público en xeral, na nosa terra. Esta edición contribuirá a difundir e valorizar o traballo feito por este investigador, que presume das súas orixes en Oia e que divulga O Baixo Miño e a cultura galego-portuguesa en América.

A norma empregada no libro, sendo a defendida polo profesor Higinio Martins, quere ser unha homenaxe á figura do seu protagonista.

Publicarmos en norma reintegrada constitúe tamén un recoñecemento á obra e pensamento de persoeiros como Carvalho Calero, Otero Pedrayo, Castelao, Murguía, galeguistas históricos que defenderon o achegamento entre as grafías galega e portuguesa.

O percorrido vital que propón esta entrevista é símbolo da universalidade do idioma galego na actualidade, e constitúe un xeito de aproveitar as oportunidades internacionais que a nosa lingua nos abre nun mundo global.

A obra permitirá, ademais de propiciar a preservación e a valorización do noso patrimonio cultural, fomentar a identificación do cidadán coa Galiza exterior, e fortalecer a presenza do Baixo Miño en Galiza, Portugal e Sudamérica.

Desexo que ao chegarmos ao final do traxecto fiquemos contaxiados da naturalidade e facilidade con que Higinio Martins emprega a súa lingua natal.

EDELMIRO LÓPEZ IGLESIAS

Director Xeral de Desenvolvemento Rural

Presidente do Padroado da Fundación Comarcal O Baixo Miño

Prólogo

Higino Martins Estêvez. Um nome que a algumas pessoas oienses e galegas dirá pouco e que, no entanto, corresponde a umha das mais brilhantes mentes contemporâneas; oiense e galega.

O professor Higino nasceu em 1940 em Buenos Aires, filho de emigrantes galegos procedentes das freguesias de Santa Maria de Oia e Vila de Suso, no concelho de Oia, situado no Baixo Minho. Foi assim que desde o começo da sua vida esteve em contacto com a cultura galega: escuitando a língua das origens na boca de seus pais e familiares ou ouvindo descriçons e anedotas que remitiam para terras longínquas no espaço mas que, com toda a probabilidade, o pequeno Higino intuía já próximas no sentimento.

Houve, assim e todo, umha data definitivamente marcante na sua vida: o ano 1947, quando pisou a nossa Terra por vez primeira, contando apenas 7 anos de idade. Fôrom suficientes 8 meses na Galiza para que lhe prendesse no coração umha chama que já nunca apagaria; bem ao contrário. Aquela chamazinha era a sua consciência identitária.

Tinha raiz galega e sentia-se galego. Nem mais nem menos. Um galego de Oia.

A partir dessa experiência iniciática –posteriormente denominada pelo próprio professor como o seu *baptismo de Terra*– ao princípio de modo provavelmente inconsciente e, pouco a pouco, de maneira absolutamente ciente, firme e coerente, os seus passos seriam guiados por um princípio basilar: o amor à Galiza e o desejo de lhe ser útil na medida das suas possibilidades. O mesmo princípio que guiou sempre as mais grandes mulheres e homens do nosso país, aos que este professor tem pouco a invejar.

Formado em psicologia, filosofia e letras e direito, com umha admirável carreira como professor universitário titular na *Universidad del Salvador*, à que foi chamado pelo célebre romancista argentino Federico Peltzer, e como bancário dumha das mais importantes entidades financeiras internacionais, hoje já desaparecida ou, melhor, transformada, o *Banco Español del Río de la Plata*, o professor Higino é, no entanto, conhecido e reconhecido no plano internacional polos seus estudos lingüísticos, com os que tem defendido, com admirável constância e independência, a língua galega. Estudos através dos que, também, tem aprofundado nas raízes célticas dessa mesma língua e, por extensom, da Galiza toda. É assim que tem desvendado boa parte da história do nosso país que, doutra maneira, seria absolutamente inacessível. É deste modo que tem defendido, com sólido rigor, que o substrato céltico da Galiza resulta inegável, além de fulcral na formaçom da identidade galega. Defesa do celtismo galego que se produz numha época em que a sua negaçom parece ser acrítica e, portanto, geral e irresponsavelmente aceite.

Nestas duas linhas investigadoras poderiam destacar-se, a modo de mero exemplo fugaz, trabalhos como os *Quadros de Gramática Galega (Língua galego-portuguesa da Galiza actual conforme a realização reintegrada)*, editados polos Amigos do Idioma Galego em 1992 e reimpressos até três vezes em anos sucessivos; a edição crítica dos *Cantares Gallegos* de Rosalía de Castro, publicada pola Caixa Ourense em 1984 e completamente esgotada; ensaios como *Dos três Lúgoves Arquienos ou do que duas inscrições latinas nos ensinam sobre o passado da Galiza*, publicado por primeira vez em Grial em 1978, *Luz léxica na história da cultura galega*, publicado nas Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa, impressas em 1986, ou *Branco-Amor professor de galego e outros labores seus em Buenos Aires*, publicado na Agália em 1993. Referência especial requer a obra *As Tribos Calaicas (Proto-história da Galiza pré-romana à luz das investigações toponímicas)*, ainda inédita e que revelará dados transcendentais para a reconstrução do período pré-românico galaico. A ela entregou o professor boa parte da sua vida e engenho.

Cumprе ainda acrescentar o labor docente extra-universitário, nomeadamente no seio da comunidade emigrada galega, onde leva leccionando aulas de língua galega ininterrompidamente desde 1977, às que tempo depois se juntariam os cursos de cultura céltica. Também deve ser referido o seu ingente trabalho tradutor e adaptador de textos da máxima relevância para a nossa cultura, tais como *Os Paços de Ulhoa*, de Emília Pardo Bazán, *O Bosque Animado*, de Venceslau Fernández Flórez, *Arte da Cozinha*, de Álvaro Cunheiro, *A Gente da Barreira*, de Ricardo Carvalho Calero, e um bem longo etcétera.

Estamos, enfim, perante um notável pensador de transcendência internacional e umha figura de singular relevância para a história da Galiza.

Mas este breve prólogo deve, contodo, referir também o professor Bernardo Penabade Rei, inesgotável fonte de ideias, de projectos, de trabalho, de talento e de generosidade a prol do povo galego, por ter sido o verdadeiro impulsor intelectual desta obra (como de tantíssimas outras). Umha obra que se deseja que sirva para, muito humildemente, dar a conhecer o professor Higinio na Terra à que tanto ama, à que tanto defende e à que tanto tem para ensinar se lhe é dada a oportunidade.

A presente publicação pretende justamente isso: ser umha dessas primeiras oportunidades. Temos a certeza de que outras vam vir, porque merecimentos nom faltam. As páginas que se seguem a partir daqui constituem um verdadeiro tesouro.

Em Oia, a 25 de Setembro de 2006

ÂNGELO GONÇALVES VICENTE

HIGINO MARTINS

Faltam arredor de dez minutos para as cinco da tarde deste dia de Agosto de 1997, aqui nas proximidades da Avenida Ribadavia, no coração de Buenos Aires. Na Galiza som também dez os minutos que faltam para as dez da noite e estará a pontinho de obscurecer. Vamos iniciar agora ãa conversa entre dous amigos que tiveram oportunidade estes dias de aprofundar ainda mais na amizade e no conhecimento da galeguidade.



O professor Higinio Martins no escritório da sua morada em Buenos Aires, onde se fijo a entrevista.

OIA, O PAÍS DE TURONIUM

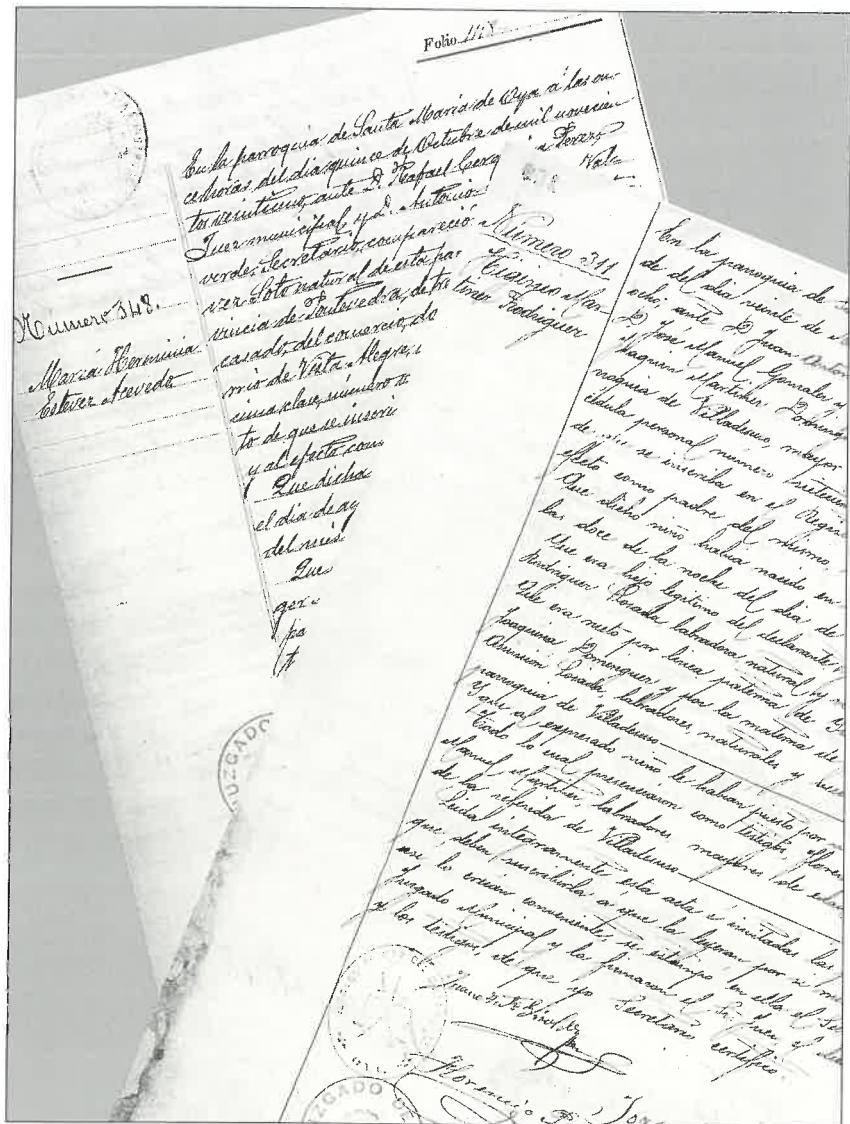
—A família do Higino vem de Oia.

—De Oia, com efeito. Santa Maria de Oia, que está exactamente no extremo Sul da província de Ponte-Vedra; lugar próximo do Minho, entre Baiona e a Guarda, portanto pertencente ao antigo país de Turonium. O país de Turonium! Daí é toda a minha família, tanto por parte da mãe como do pai. Minha mãe é da paróquia capital, de Santa Maria de Oia, mais concretamente do lugar do Arrabal, nas proximidades do mosteiro cisterciense. Meu pai veio só d'ua paróquia mais ao Norte, mais próxima do concelho de Baiona, chamada Vila-de-Suso. Veio no ano 1923, pouco depois do serviço militar na marinha —de três anos naquela altura—. Morreu no '77. A família de minha mãe veio toda —pai, mãe, filhos... todos os irmãos, que eram bastantes— em 1936. Minha mãe era nova daquela; tinha catorze anos. Hoje tem muitos mais anos de Buenos Aires do que de Oia, mas estes são os que valem, tanto que me marcarão a mim também.

—Vieram e estabeleceram-se aqui todos juntos?

—Todos. Tanto meu pai como minha mãe viveram sempre em Buenos Aires sem se deslocarem nunca.

—Na Galiza a que se dedicavam?



Partidas de nascimento de Higino Martins Rodríguez e Maria Hermínia Estêvez Azevedo, pai e mãe do professor Higino Martins. Ambos proveem do concelho de Oia, no Baixo Minho.



O Bar América, aberto por Baldomero Estêvez, avô materno do prof. Higinio Martins. Nesta casa alojou-se a família do professor durante a visita a Oia no ano 1947.

—Na origem eram lavradores. Os parentes de meu pai eram lavradores da costa. Meu avô era canteiro a par. Às vezes também faziam algo de pesca, mas não eram dos que sociologicamente se classificam como marinheiros. Na família de minha mãe também eram lavradores. O avô materno foi o único que acedeu a um tipo de ensino superior; sem rematar os estudos de Farmácia, sempre a cavalo entre dois mundos, entre Europa e América e entre a farmácia e o comércio.

—Visitou Oia alguma vez?

—Sim. Lá fíjem os sete anos. O 5 de Janeiro de 1946 partimos para lá. Poucos dias antes, meu pai surpreendera a minha mãe com as passagens no primeiro barco que fazia a travessia trás a guerra, o Highland Chieftain, da Mala Real Inglesa, que na guerra fora transporte de tropas e ora de carga e passagem. A Espanha de Franco estava bloqueada e logo desembarcamos em Lisboa. Fíjemos todo o percurso em caminho-de-ferro até Tui,

passando polo Porto e Valença do Minho. Em toda a estada, que durou oito meses, nunca saímos do nosso domínio linguístico. E isso que circulamos por toda a Galiza. Nom foi propositado, mas é o facto.

–Lembra onde estiverom?

–Estivemos na Corunha, em Santiago, em Ourense... e andámos por outros viais dos que agora nom tenho noçom porque daquela era eu pequeno.

–Como lembra aquelas vivências?

–Tivem a experiência do inverno e da primavera galegos; nom tanto do verão. Para mim foi absolutamente seminal, e incluiu a primeira experiência do mar –que na América ainda nom conhecera– e do campo. Foi ãa experiência absolutamente original.

Cumpre recordar que os filhos dos emigrantes vivíamos imersos nãa realidade oral bem viva, inversamente proporcional à distância dessa mesma realidade. Os pais substituíam-no cobiçado ausente, o que faltava, mediante a fala, a ementa constante. De facto, para todos os filhos de emigrantes, a Galiza é ãa realidade ideal bastante presente. Quando fum alá nom tivem tam grandes dificuldades de adaptaçom. Por certo –nom quero esconder nada, a realidade linguística é feroz: eu nom falei galego



Detalhe do passaporte empregado pola familia Martins Estévez (Higino é o segundo desde a esquerda) em 1946, na que iria ser a primeira visita à sua Terra.



Higino Martins (no centro) no Curro da Valga, em Oia, em 1947.

até aos trinta e cinco anos e as barreiras que tivemos que salvar foram várias—. Por fortuna, tenho consciência delas.

—Explique-nos como foi o processo.

—A tomada de consciência da dignidade, da necessidade de defender o idioma por via consciente, foi clara, mas de processo lento. Quando no '76 li na revista *Galicia* do Centro Galego a convocatória para concurso de professores de Língua e Literatura Galegas no próprio Centro Galego, fui imediatamente porque já tinha essa ideia formada através dos cursos de Eduardo Branco-Amor e dum trabalho consciente.

Falando de obstáculos, pronunciar timbres abertos e fechados para mim foi mais difícil que reconquistar a língua, que para mim era a língua materna de ouvido, nom de articulação. Suponho que se lhe tenho fidelidade é porque para mim foi língua

materna. Mas língua materna nom trabalhada articulatoriamente. O assunto dos timbres abertos –nos fechados nom há problema– preocupou-me muito. Os abertos tinham e teem inconsciente estigma de rusticidade, estigma que ressaltava mesmo perante a pronúncia de sotaque inglês. A riqueza vocálica do inglês produzia-me –e produz hoje em muitos galegos– um efeito similar ao da prosódia dos montanhese galegos de fala mais entranhável, mais autêntica. O profundo complexo de inferioridade, com séculos de história, pairava decerto também sobre mim. Compreendim que é o obstáculo mais duro e por isso suponho que pronuncio com exagero os timbres abertos. Cuido que nom é ãa teima minha: o maior problema que tenho com os alunos é que, apesar de amar o idioma, de querer-lhe, de falá-lo, custa-lhes pronunciá-lo bem. Emociono-me cada vez que tenho ocasiom de conversar com ãa pessoa que articula bem.

–Isto que nos conta, interessantíssimo, também é válido na Galiza para os neofalantes. Em qualquer caso, disso falaremos mais tarde. Agora nom queria que se perdesse o fio de Oia. Já tem estado ali nalgũa outra oportunidade.

–Estivem. Fum a Oia de pequeno e podem volver nos anos 84, 87 e 90, convidado aos três primeiros Congressos Internacionais da AGAL. Em duas dessas ocasiões visitei Oia. Forom viagens de poucos dias, escapadas rápidas. Sempre com grande dor porque nom era lugar de hospedagem fácil.

Por certo, a família que ainda tenho ali sempre me facilitou todo. Mas som tímido por natureza, tenho ãa dificuldade de comunicaçom que pode produzir ãa imagem de distanciamento e nom é outro que a minha timidez. Por certo que eu gostaria de permanecer ãa temporada absorvendo, degustando, aquela



À esquerda a casa em que Higino se hospedou na visita a Oia em 1990. À direita a loja de seu tio-avô, José Luís, chamada *Que batuque!* em memória da sua estada em Buenos Aires, por ser expressom que tinha ouvido frequentemente nas terras de além-mar.

paisagem, afundado ali, imerso, como num paraíso fora do tempo, mas nom posso.

–Tem pensado voltar por ali?

–As viagens som longas, nom tenho vagar e as circunstâncias nom som oportunas. Quero ir, mas nom posso. Que mais quijera que dar-me o prazer! Trabalho, família, obrigas, este país que nom te deixa descuidar-te. Mas nom descarto a viagem, adio-a para momento melhor.

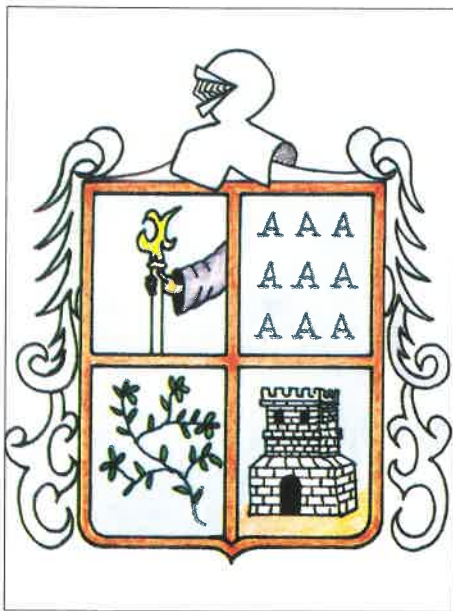
–Algũa vez tenho lido ou escutado alguém que um dos grandes desejos de Higino Martins seria redigir e publicar ãa História de Oia. É certo?

–É certo sim. Aqui na casa tenho ãa pasta com diversos materiais.

—Além das razões puramente familiares, por que interesse tam intenso? Talvez pola paisagem, a história, a toponímia, a etnografia, as lendas, as tradições...?

—É a busca da pátria ideal, da Idade de Ouro, das raízes... Suponho que todo filho tem sempre tal anseio. Hoje está a ver-se que pululam as histórias das comarcas e dos concelhos por toda a parte, na medida em que o poder económico o permite.

Que foi o que me cativou? A toponímia? Há topónimos culturalmente riquíssimos. Outros ainda se estão por revelar. Ainda nom vejo claro *Mougás*, só tenho hipóteses. Existe ùa lenda muito interessante: a dos figos de Oia, que se relaciona com o motivo das batalhas míticas da mitologia céltica. Logo nom é tam local, é um mito que pairava por todas as partes da Galiza, e penso que também doutras terras célticas. A batalha mítica aparece vinculada com a figueira. A figueira era árvore de Dionisos. Logo a lenda seria sincretismo do céltico hispano com o dionisiaco. Mas esse é outro assunto.



A importância da lenda dos figos de Oia aparece reflectida no seu escudo, em cujo quarteirom inferior esquerdo aparece um ramo de figueira a evocá-la.

–*Esses conhecimentos sobre Oia chegaram-lhe pela família, por leituras ou nas viagens?*

–Nas visitas. Embora pouco pudesse ver na mesma visita, a vivência do lugar provoca sentimentos. Depois, pouco a pouco, fui conhecendo referências importantes em livros e revistas.

Haverá tantos livros que tenham relação com Oia! Na biblioteca do Centro Galego dei com ãa tese sobre “economia agrária e estrutura social no Baixo Minho nos séculos XII e XIII”, de Maria do Carmo Pallares e Hermelindo Portela.

–*E esse livro de Maria do Carmo Pallares e Hermelindo Portela estava à venda na livraria do Centro Galego?*

–Com efeito. Talvez fosse o único exemplar que a editora mandara à livraria e precisamente fui eu a pessoa que deu com ele.

–*Leria com extraordinário interesse as referências aos domínios do Mosteiro de Oia?*



–Podes imaginar. Olha quantos documentos medievais transcritos na parte final! É precioso na perspectiva linguística, nos mapas, nas fotografias aéreas... sumamente

Capa do livro *O baixo vale do Minho nos séculos XII e XIII, economia agrária e estrutura social*, um dos utilizados pelo professor para achar-se a Oia e conhecê-la melhor na distância.

interessante. Nom se perde nada. Se os autores teem algum desânimo, a pensar que o trabalho caiu em saco roto, asseguro-lhes que nom se perdeu. Como dizem os físicos, nada se perde, todo se transforma.

–Neste livro terá profundizado temas que já tinha falado com a família próxima e terá achado também referências a bastantes lugares em que estivera nas visitas?

–Sim, mas também é certo que muitas vezes as pessoas somos inconscientes do passado dos lugares em que estão vivendo. Por exemplo, há uns penedos na costa de Oia, um pouquinho ao Norte do Arrabal, em Pedornes, que chamam as *Orelhudas*. Aqui no mapa de Aguilar chamam-lhes *As Orelhadas*. Transcrições incorrectas. As *Orelhudas* traduz o visto em Arouça. *Arouça* vem de *ARAUTSIA, em céltico ”a que está ante a orelha”. “Orelha” é ãa corriqueira metáfora céltica para ãa proeminência na costa.



Vista das Orelhudas. Segundo as pesquisas do professor Higino Martins foi um embarcadiiro pré-romano.

–É o mundo misterioso das etimologias.

–Havia um filólogo, um estudioso da toponímia apelidado Vidán; nom sei se vive...

–*O professor Manuel Vidán Torreira.*

–É. Manuel Vidán. Vive?

–*Vive na Corunha.*

–Pois ele foi o que me induziu a pensar na etimologia de Oia. Na revista do Centro lim um seu artigo que incluía a sua etimologia de Oia. Enfim, aguilhoou a pesquisa. Para ele Oia viria dum ABOGIA, reduçom de ABOBRIGA. A meu ver nisso nom atinou, mas fijo-me pensar nas possíveis consoantes que tivessem caído para chegar a Oia. Desse jeito cheguei a ABODIA “abundante em águas, regada”, com estrutura de todo normal em céltico, com a desinência de adjectivos mais importante. É topónimo que achamos nos substratos da Europa central, em todas as Célticas, por caso em *Epfach*, Alemanha, de ABODIAKON, *Abodiacum* em letra latina. E é afim à ABOBRIGA, melhor ABÓBRIXS, que é o castro de Santa Tegra.

–*É claro a toponímia, a etnografia, as lendas, fazer parte desse material para a História de Oia que talvez algum dia se publique.*

–Nom só! Também há mitologia e épica. Na base e nas perspectivas seria plural. Nas perspectivas, mesmo poderiam propor-se percursos turísticos. Nom sei se vou fazê-lo eu, mas já há gente que anda a prepará-los. Nos cursos elaboramos itinerários míticos da Galiza, que juntavam os lugares descobertos na indagaçom toponímica. Exluímos lugares como Vigo. O porto do Barbês já é ponto ao que concorre todo o mundo, nom é preciso

salientá-lo. Nom ocorre o mesmo com Içobre na ria de Ares, que hoje nem sequer é ãa aldeia, e é importante ao significar “castro da curaçom”. Haveria aí algo similar a Epidauro, um lugar aonde iriam curar-se, provavelmente dormindo, como era uso.

O mesmo cabe dizer do Escadevas *SKATÓDEWAS, em Guitiriz. Muitíssimos lugares nom estâm nos itinerários das agências de turismo, lugares que existirom, cuja presença consciente criaria ãa realidade diferente. Os livros-guia som a melhor maneira que tem o turismo de conectar com essa realidade que agora nom existe para os nativos e que cria consciência de identidade nacional, espelha consciência de identidade nacional.

—Nos cursos elaboraron itinerários dessas características?

—Fijemos oito itinerários maravilhosos. Fazem do mapa da Galiza —nom é ãa trivialidade— um mapa de fantasia heroica. Lembras Tolkien ou os contos de Conan? Progressiva ou regressiva, a fantasia heroica tem hoje um fascínio incrível, mas ainda mais incrível é ver como a realidade histórica contém —ocultas— maravilhas tanto ou mais surpreendentes.

—Que quer dizer com isso?

—O mapa da Galiza na época céltica parece um mapa de fantasia heróica. Quero dizer que tem um potencial de sentimento, de inervaçom, de criaçom de consciência enorme. Digo simplesmente que a paixão que eu posso sentir a mirar ãa animaçom ou a ler ãa banda desenhada ou um romance fulcral, nom importa na idade que eu tenha, pode resgatar-se dũa maneira plena e útil no mapa da Galiza antiga. Útil soa bem, n’é?

FORMAÇOM ACADÉMICA EM LETRAS E DIREITO

—Seus pais tinham a experiência emigrante, conheciam as dificuldades do deslocamento por motivos económicos. Imagino que teriam interesse em que o filho recebesse ãa formaçom académica sólida, para nom padecer os mesmos problemas. Nom foi assim?

—É, é, assim foi. Todos os emigrantes —de qualquer origem, nom falo só dos galegos—, todos queriam um filho profissional. É exacto, aqui na América é ãa realidade. Há ãa peça de teatro rioplatense, *M'hijo el doctor*, que marca as diferenças que se produzem entre o pai imigrante sem muitas letras e o filho que depois se passa de revoluções, como dizemos aqui. O ambiente induzia o estudo, sobretudo na família materna, a que sempre tem mais influência porque a estrutura familiar vem feita dessarte. Influía mais também porque aqui estava o grupo familiar inteiro. Às avessas, o grupo paterno estava longe. Alguns tios paternos varões tinha, mas com eles nom tínhamos tanto contacto. Também é certo que os estudos do avô materno faziam na família haver mais consciência política, ainda nom nacionalista. Era da ORGA...

Na minha mãe havia clara consciência de identidade galega, mas suponho que também com divisom interna. É ãa mulher que se fai perguntas, sobretudo quando toma distância.

Daquela os pais inconscientemente nom induziam o uso da língua galega; para que se promovessem social e economicamente. Mas minha mãe via como os filhos dos ingleses, alguns da sexta e sétima geraçom na Argentina, continuavam a falar o inglês, e queixava-se de que nós nom fijéssemos o mesmo. Eu sabia algo de galego, mas sem norma, com a constante hesitaçom que bem conhecemos. Vivia-se com culpa, mas nom é culpa de ninguém; é culpa da história.



O professor Higino Martins aos 25 anos, na sua época da universidade.

—*Os seus primeiros estudos universitários som de Direito.*

—Quijem simultaneiar Filosofia e Letras (por vocaçom) e Direito (para ganhar a vida) —havia precedentes prestigiosos na classe média—. Mas nom pudem. Fijem Direito; que me cansou. Cursado o quarto curso, deixei-no e pujem-me a estudar Letras, que equivale às Filologias do estado espanhol, integradas. Foi justamente no tempo de enfastiar-me com o Direito que tomei consciência da angustiosa falta de estudos de galego. Por nenhũa parte havia lingüistas profissionais. Castelão, Vilar Ponte, todos pessoas cultas, mas nom especialistas... Tinham de improvisar. Como é que nom havia linguistas? Mesmo vim um grande escritor como Branco-Amor ficar perplexo quando nas aulas de galego lhe perguntei por que *decir* em vez do *dicir*, que entom eu

defendia. Como os castrapistas, eu fazia um compromisso, *dizer* soava-me português. Bem, assim, perguntando, souberam que tinha que estudar Letras. Mas, ao princípio, estudar Letras produzia-me culpa, cria-o frívolo, na Argentina um luxo de gente que nem tem que ganhar a vida. Ao cabo, compreendim que justamente era o galego a razom que legitimava tais estudos. Em Letras todo me saiu bem. Costumado a ler por prazer, desleixava os livros obrigados. Em Letras aplicava com boa fortuna anteriores leituras de psicologia. Depois, quando reiniciei Direito, aproveitava as leituras de letras e de psicologia. Enfim, pronto tive claro o intuito de formar-me para trabalhar na problemática da língua galega.



Sede do Banco Español del Río de la Plata, Ltda. em Buenos Aires, onde o professor Higinio trabalhou durante 31 anos.

Estava convencido conscientemente, mas nom profundamente. Sempre pairou a questom de que nom internalizava imediato o que pensava. Mas, posto no prolongado caminho, cuido nom ter-me detido e continuo a explorá-lo.

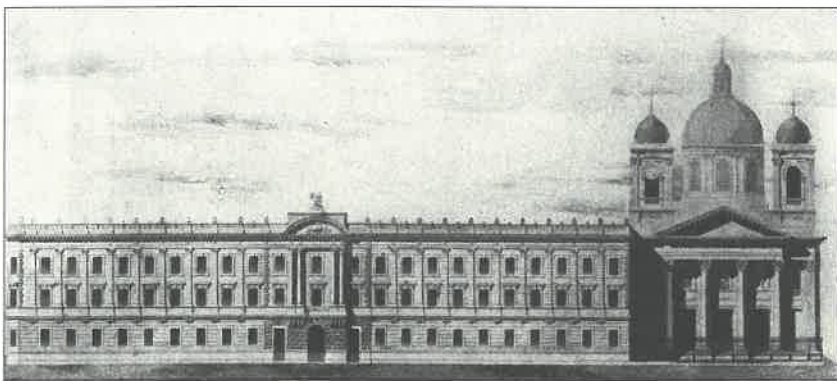
Enfim, tornando aos estudos de linguística, daquela eu era algo maior e mais maduro que os companheiros. Já graduado, completei Direito, para progredir no banco em que trabalhava, porque na verdade vocação jurídica nom tinha.

—O seu primeiro emprego, entom, nom foi como docente, senom como...

—Nom. Fum bancário muitos anos. Trinta e um anos, e ainda o seria se o Banco Español del Río de la Plata Ltda. nom tivesse quebrado. Antes do ano 1914 fora a primeira entidade financeira do mundo de fala castelhana, incluída a Península, porque era banco internacional. Por efeito retardado da crise do '29, o banco quebrou no ano 1934 e virou em banco de nível só nacional. Da desfeita desse ano, das muitas sucursais espanholas, nasceu o que foi o Banco Central espanhol. Na casa matriz em Madrid desse banco absorvido ainda se observa algum friso com aquilo de Banco Español del Río de la Plata. Tenho por aqui ãa postal com a fotografia da sucursal de Vigo a começos de séc. XX. Esta é para mim ãa história dolorosa, nom obstante nom tenha nada que ver com o tema de que falamos. Nom sei por que o trago aqui agora. Rematei eu fechando a porta, como no chiste: “o último em marchar, que apague a luz”. Quando foi intervido polo Banco Central —o banco oficial, regulador da moeda, como o Banco de España—, eu era secretário do banco. Como o salmom, enquanto o banco ia morrendo, eu continuava subindo, mas depois fiquei desocupado. Penso que a Providência me levou por esse caminho para que deixasse todas as energias nesta nossa luta. É o que sinto.

—Contodo, o período no banco deixou cousas boas na vida do professor Higino. Tenho entendido que conheceu sua mulher ali.

—Com certeza, ali conheci minha mulher, Ana Maria. Ela é soriana; ser castelhana terá contribuído a eu manejar a minha esquizofrenia galega, a da psique cindida polas línguas que a articulam. Ênio, poeta primitivo romano, afirmava ter três almas porque falava osco, latim e grego. A diglòssia do galego, a distribuiçom funcional de galego e castelhano, determina que às vezes se produza o “endemoninhamento”, a posse do Eu por ùa parte psíquica represada. A parte castelhana pode apossar-se



Universidade del Salvador, em Buenos Aires, onde o professor estudou e chegou a professor titular de *Historia de la Lengua Castellana, Filologia Românica e Introduçom à Linguística*.

subitamente dum galeguista nacionalista. E um galego que se crê um “caballero español del siglo XVII” e que nunca falou galego, fora de escutar-lho a amas, um dia, sem saber-se como, acorda nacionalista. Suponho que se dava mais antes, mas a alma dividida subsiste. Por que tanta palavra a respeito da minha mulher? Porque lhe quero bem e nom me impede nada do que faço.

–Ao graduar-se, passou de aluno a exercer a docência na mesma Faculdade de Letras.

–Assim é. Ali na universidade em que me graduei, a Universidade del Salvador, de origem jesuítica, o decano da Faculdade de Letras, Federico Peltzer, um romancista importante na Argentina, chamou-me para ditar aulas de Historia de la Lengua Castellana. Depois também me ocupei de Filologia Románica e Introduçom à Linguística. Em certo momento, depois, tivem que marchar, farto das intrigas intra-académicas, e também porque já estava treinado para o meu objectivo, que era claro: dedicar-me em cheio à pesquisa linguística galega. A sóciolinguística nom é para mim o grã campo porque eu nom moro na Galiza. A parte que me é mais grata, mais lúdica, a que me dá puro prazer, é a investigaçom léxica, a história das palavras.

–Como docente a etapa mais grata seria a da Historia de la Lengua Castellana, porque era a que mais se aproximava à súa preferência pola linguística diacrónica?

–É, a que me treinou para depois continuar em âmbitos paralelos na história do galego-português, claro.

CULTURA CÉLTICA

—Após o retorno à infância e às origens, da família, falamos da formação académica e detivemo-nos em Oia, lugar da origem familiar. Em qualquer caso, sempre fomos derivando para o celtismo. Quando começa a interessar-se pela cultura céltica?

—Desde a infância. Sempre a teima da procura das raízes! Quando fijem os sete na Galiza, sentia a vivência clara de que aquela era ãa realidade pétrea. Mesmo teorizava sobre a origem das pedras, como se fosse geólogo. A par sentia que a gente estava sumida nãa imobilidade histórica que a tirava fora do tempo. As aldeias no 47 ainda pareciam ter um perfil medieval. Quando volvim no 84 pareceu-me terem-se cruzado dous comboios de alta velocidade.

—Mas esse celtismo dos sete anos é puramente sentimental. Tivo que haver um momento em que começasse na profundizaçom académica com o estudo, os livros... Talvez após as licenciaturas universitárias?

—Foi trás conhecer o Dicionário de Coromines. O trabalho de Joan Coromines sempre terá de ser agradecido. É obra ingente. Nom o tratei nunca, mas ao menos estou contente de lhe ter tributado homenagem em vida. Por Martinho Montero Santalha fijem-lhe chegar alguns textos nos que falava no seu papel fundador.

Depois, fum-me metendo mais. Organizei um curso de proto-história galega. Procurei entender melhor o contexto cultural estudando o mais recente em mitologia, em Jan de Vries e e sobretudo Dumézil. O livro de cabeceira, relativamente singelo, aí foi o do primeiro, que lim traduzido por Lionel Jospin, o primeiro ministro francês (1997).

No ano passado (1996) pedirom-me que ditasse um curso de céltico. Eu tinha escrúpulos; pensava que a gente aborreceria. Nom foi assim; houve entusiasmo e fijo-se. Nom sei se poderia ser melhor. Foi teórico-prático, sem deter-se em discussões académicas; fornecendo resultados certos. Vimos achados linguísticos importantes, nom tanto para a linguística quanto para a história da Península. Um deles é a etimologia de Orraca, que é muito importante, mesmo mais que as de Pamplona e Barcelona, que já comentamos algũa vez.

—E quais som esses outros achados?

—Há muitas palavras com sufixo átono -RO, como *pícaro*, *Lôuçara*, *Sálvora*, *báilara*, *olháparo*... O mesmo acontece em castelhano com *gárgara*, *cáscara* e outras. Corominas começara a estudá-las, mas nom pudo adiantar muito na pesquisa. Muitas das palavras nom teem família léxica conhecida, mas, nos casos das que a teem clara, mostram estar formadas sobre temas verbais, que sempre teem a forma da 3ª pessoa de singular do presente de indicativo; a seguir da qual vem o sufixo átono. Em suma, vejo nestes vocábulos subsistir um testemunho indirecto da preservaçom, até fins do primeiro milénio, do traço sintáctico mais importante do céltico —também mais divergente do que nós imaginamos—: o arcaico pronome relativo *enclítico* do indoeuropeu

(IOS, IA, IOD). Exemplifico-o com o primeiro versículo do Pai Nosso:

ATER ANSERON, ESIIQ NEMESSU

O verbo com relativo enclítico –ausente do latim e românico– achava no adjectivo qualificativo a categoria semântica mais próxima. No românico galego –nom em castelhano– o iode intervocálico tende a elidir-se. No seu lugar pode aparecer ãa consoante epentética. A queda do iode condenava a desaparecer o uso vivíssimo. Mas havia em céltico um sufixo átono –RO para formar colectivos: KLOKA (“pedra”)– KLÓKARON (“amilhadoiro”). Que também servia a transformar os nomes de cor em adjectivos: LEUKOS–LÉUKARON; ALBOS–ÁLBARON...

A língua mixta dos montanhesees achou aí a via do meio. Os novos adjectivos proliferaram. Muitos documentam temas verbais desaparecidos: *guímaro*, *túçaro*... Ficarom cristalizados; como único testemunho do verbo.

–Poderíamos falar, pois, de que as nossas fontes célticas som antes que nada linguísticas, nomeadamente de tipo toponímico, onomástico e de léxico comum; mas para aprofundar no conhecimento do léxico torna-se imprescindível a ambientação em temas míticos, mais culturais e menos de investigação linguística.

–É preciso para entender muitos enigmas; doutro jeito nom se poderiam decifrar. Como entender o significado de *SKATÓDEWAS, se nom penetramos na cultura? –lembramos a ensinança de *Wörter und Sachen*, a escola linguística alemã que requeria estudar simultaneamente as palavras e as cousas designadas–. Com efeito, nom há outra possibilidade.

–Nom lhe terá sido fácil conseguir bibliografia tam específica na Argentina.

–Nom foi fácil conseguir livros –antes da Rede– a mais de dez mil quilómetros de distância da Irlanda ou da Alemanha. A gramática de Thurneysen é do Instituto de Estudos Avançados de Dublin. Um de Pokorny podem fotocopiá-lo ainda bem na biblioteca do Centro Galego. Os primeiros volumes do léxico de Vendryes trouxe-mos um aluno que viajou à Irlanda; o último –pedido na Rede– já veo por correio.

–Além dessa bibliografia que tem na biblioteca, qual outra lhe interessou?

–Corominas é ãa fonte universal. Noutras disciplinas, leio cousas nom tam novas, todo o que consigo de Dumézil, de Jung, de Colin Renfrew. Também de etologia, de arqueologia, enfim de muitas cousas interessantes.

Quanto a Coromines, aproveito a ocasiom para aclarar que, se algũa vez contradigo ou corrijo opiniões de Coromines, nom quero que isso se entenda como parricídio. Simplesmente som a mosca no alto do boi, que parece mais alta que ele. Um anão montado na cabeça dum gigante parece subir mais... Eu montei acima da cabeça de Corominas e cheguei a algũa etimologia partindo das suas próprias pesquisas. Por exemplo, na de *rima* e de *arrimar*, clarissimamente célticos. Neste caso, ele estava um pouco condicionado pola origem mediterrânea. A relativa escasseza de substrato céltico –relativa na Catalunha– favorecia a pseudo-etimologia clássica que sempre asseverou ter origem em *rythmós*, o que é falso. Aqui gosto de destacar que conto com a aprovaçom de Coseriu. Leu todo esse artigo quando coincidimos

nos congressos da AGAL e fijo-me saber que estava de acordo com a minha interpretação.

—Na Galiza, algũas pessoas, igual que esquecem a língua e nom valoram o acervo musical ou desconhecem a geografia do país, também rejeitam a ideia de termos ãa identidade étnica. Na actualidade existe um grande interesse em negar o celtismo. Em faculdades como História ou em determinadas cátedras de linguística despreza-se.

—Todo o que pode servir para nos fazer sentir melhor, para sentirmo-nos mais cómodos na identidade, torna-se perigoso para algũas elites. Evidentemente som servidores do auto-ódio. Nom somente o sentem, senom que também querem propagá-lo.

A civilizaçom céltica, a língua céltica, unificou Europa por vez primeira. Os que duvidam de si nom podem crer que algo prestigioso lhes pertence. Para combater essa mediocridade, o primeiro é resgatar a língua a risco de desaparecer, arvorá-la a sério. A par cumpre normalizar o ânimo do povo galego, secularmente esmagado.

Com o ânimo normalizado, veremos que este povo de “ciganos com terra”, onde muitos se desprezam, nom só nom é essa miséria, senom que foi e está situado como gonzo na história das nações hispânicas.

Por isso e por amor é que eu som nacionalista galego. Sê-lo é o jeito mais humanista de plantar-se no mundo. Creio que o labor da minha vida é fundar o são orgulho da identidade. O que nada tem que ver com chovinismo, que o nacionalismo dos povos oprimidos é humanista. Nom odeia, ama aos próprios e convive fraternalmente com todos.

–*Considera que o celtismo na cultura galega desempenha um papel nuclear?*

–Nuclear com efeito.



O Monte Aloia é, segundo as pesquisas do prof. Higinio Martins, o antigo Monte Medúlio, símbolo da resistência céltica perante a invasom romana.

–*Nom estamos a falar de elementos adjacentes senom que é o elemento nuclear que conforma a base estrutural sobre a que assentamos, conformados mais tarde polo contributo romano.*

–A chave da questom está na toponímia, que já dizem leva a levantar mapas que parecem de fantasia heróica. Posso assegurar que nom há na toponímia galega nenhum rasto pré-romano que nom se deixe interpretar polo céltico. É a chave que permite aceder a âmbitos que antes nom estavam abertos. Nom se poderiam abrir sem a linguística céltica. Nom falamos de raças. O que digo é que imediatamente antes da romanizaçom e durante muitos anos depois dela o que se falou na Galiza foi céltico. Tenho que romper

lanças... paira a ideia –mesmo lha ouvim a Beramendi quando o tivemos de aluno- de que houve um substrato bascoide por toda a cornija cantábrica. Antes da indoeuropeização pudera ser, mas das grandes peças fortes sobre o substrato basco na Galiza (*Íria*, *Arçua*...) nenhũa delas é bascoide. *Íria* é céltico; foi ERIIA FLAVIA, nome dado secundariamente a *Lambrix*. Quando foi refundada por um Flavio pujo-se-lhe o nome ERIIA (a primeira ou última, que o mesmo significa, por estar na foz da Ulha, das cidades flávias, refundadas no tempo dos Flávios). *Lambrix*, que já existia, e ERIIA, por metafonia depois *Íria Flávia*. A prova é que no Itinerário Antonino, a primeira documentação, nom é IRIA o que aparece, senom o pseudolatinismo PRIA, que na verdade nom existe em latim. No primeiro período de bilinguismo “traduzirom” ao *ERIIA FLAVIA ao latim: PRIA FLAVIA. Claro bilinguismo: quando se obscurece precisamente o céltico.

–Período diglòssico, de transiçom entre dous monolinguismos. O trãnsito do monolinguismo na língua celta ao monolinguismo em latim.

–Que durou mil anos. Quanto a elementos bascoides, pré-indoeuropeus, existiriam na Galiza? É possível, mas foram celtizados. Estes processos podem estudar-se observando os modelos complexos de colonização visíveis na América. Na Europa foram processos complexos condicionados pola extensom do neolítico. O céltico é o descendente directo do indo-europeu ocidental espalhado entre 6000 e 4500 aC. Ora bem, costumamos definir a língua céltica como o indo-europeu ocidental que historicamente apresenta a perda do fonema P, com primeiros testemunhos escritos –isolados– na Idade do Ferro (800-700 aC.). Sabe-se essa perda ter começado no centro europeu, nas

encruzilhadas comerciais transalpinas, donde provavelmente se propagou com o ferro. Houvo invasões, mas a influência foi essencialmente cultural. Não cabe dúvida de que chegaram tribos afins, proto-celtas, e que muitas outras se celtizaram *in situ* na Galiza. Vê-se na sequência *PLETISAMA > BLETISAMA > LETISAMA > Ledesma, que demonstra claramente o processo de queda local da consoante inicial amolecida e depois sumida. A par, houve ingresso de gentes em datas diversas, a mais clara arredor do 400 aC.

Havia três célticas na Península, territórios em que as tribos podiam fisicamente vincular-se: a Kaláikia, a Lusitânia e a Celtibéria. Das três as duas primeiras foram recolhidas pela administração romana:



Mapa da Kalláikia com a distribuição territorial das tribos célticas que a habitavam, segundo as pesquisas do professor Higino.

—*Onde estavam?*

—A Kalláikia estendia-se até o Douro. Coincidia com o medieval reino de Leom. Dividida em três partes, convergia em NEMETOBRIGA (Póvoa de Trives), a Cidade Santa, na terminologia de Mirceia Eliáde, o Ponto Central, lugar de sacrifícios comuns.

Outra era a Lusitânia, também dividida em três partes, centradas em AMMAIA (Portalegre). AMMAIA fora AMMADIA, adjectivo feminino formado sobre AMMA, palavra da linguagem infantil para “mãe”, logo “a Cidade da Mãe (Terra)”. Nom abrangia o Portugal ao norte do Douro, mas tinha Salamanca e a Extremadura espanhola.

A terceira, de estrutura mais obscura, é a CELTIBÉRIA. A leste chegava ao Ebro. Ao sul é incerto quanto ultrapassava os limites da Castela Velha. Poucos elementos estruturais som claros. AREWAKKOI-arévacos som os que estâm a leste dos WAKKAIOI-vaceus. Este tiram o nome da forma céltica aparentada com *vaca*, o que recorda os touros de Guisando. É incerto se abrangia os Cântabros “os que estâm para a costa” ou “para baixo”, como diz Corominas.

Essas três Célticas eram os âmbitos em que as tribos podiam congregar-se, comunicar-se, reunir-se em festivais supratribais, religiosos, comerciais, políticos, culturais no mais amplo sentido. Esses âmbitos dependiam da paisagem, da geografia.

—*Ainda que brevemente, vamos falar algo do celtismo na Argentina. Trata-se de oferecer aos galegos da Galiza ãa panorâmica destes estudos neste país americano.*

—O celtismo aqui vige viçoso. Suponho-o simples eco da consagração produzida na União Europeia, manifesta em fenómenos como Asterix ou a exposição de Veneza. Europa decerto sabe. Se os galegos centralistas recusam o celtismo, é bem claro aonde apontam.

Os galegos da Argentina ainda não sentem esse conflito. Não é bandeira política, como parece ser na Galiza. Pesa sim o problema linguístico, mas como consequência dá conflito na Galiza. Cuido que se exagera a importância da diáspora. É certo que um terço da população argentina é de origem galega, mas em geral ignora-o. Se o sabe, muitas vezes se desentende. Há uma minoria —decerto cada vez maior, mas sempre minoria— que procura títulos honrosos nas raízes. Há cousas curiosas. Todos homenageiam ao valor e dignidade dos irlandeses e depois vemos que os poucos irlandeses daqui sentem que somos os galegos os que estamos na vanguarda. Simples miragens do desejo.

À margem das ópticas particulares, o celtismo hoje progride na Argentina de jeito importante. Há dois cursos simultâneos na chamada Liga Céltica e eu mesmo vou ditar um curso de pós-graduação na Universidade del Salvador, donde egressei. Tudo vai com vento a favor.

—Na Universidade do Litoral também existe interesse pelos estudos célticos.

—É, convidou-me o Centro de Estudos Clássicos. O fundo céltico foi uma descoberta para eles. Quando aqui se constituiu a Liga Céltica —um colectivo de gente *new age*, de estudiosos sérios, enfim, uma mistura—, mesmo assistiu um importante actor e cantor argentino, Leonardo Fabio, director cinematográfico, de origem sírio-libanesa. O interesse paira no ambiente.

–E noutras cidades, em Córdoba ou em Mendoza, por exemplo, também se celebram cursos de cultura céltica...

–O celtismo está presente por toda a parte.

–Falava antes da Liga Céltica. Onde funciona?

–Actualmente funciona no Hogar de Ribadumia, para nós Lar de Riba d'Úmia.

–Que gente participa nela? Quem som esses new age?

–Está a produzir-se ãa mutaçom nas pessoas isoladas, dos franco-atiradores de paixom incomunicada. Chega o momento de se juntar. Eu conheçim um professor de origem irlandesa, aluno de Cláudio Sánchez Albornoz, também advogado, que é professor de gaélico. Vai ditar um curso. Eu estou em condições de ensinar céltico antigo, nom as línguas neo-célticas. O organizador da actividade é um locutor televisivo, Manuel Castro, que também se dedica à música. É fundador de vários dos grupos que procuram imitar Milladoiro. Bom intérprete e musicólogo. É um dos precursores da gaita de dous ou três roncões e é teórico competente. Também é poeta; prologuei um livro de poemas seu. Temos ãa boa amizade.

–Com esse apelido... também será descendente de galegos.

–Manuel Castro Cambeiro. Da primeira geraçom dos que passaram polas aulas.

–Castro e Cambeiro. Fica bem clara a sua galeguidade.

–Fica.

–A falar de música e de celtismo, podemos comentar agora a edição do segundo disco do grupo galego Nordés. Ūa peça instrumental e o próprio álbum levam por título Egobarros Namarinos. Nom lhe é especialmente gratificante?

–Muitíssimo. Ainda melhor seria usarem a forma antiga (Iegobarri Namarini) ou a céltica (*IAGIBARROI NAMARENOI), mas nom está mal assim. Gostaria de que lhes passasses o meu ensaio sobre essa tribo. Eles gostariam de saber o que significa.

–Já é interessantíssimo que tivessem a ideia de pôr esse nome e, aliás, essa escolha indica que aprofundaram no conhecimento da nossa história.

–Seria interessante saber como chegaram aí! Leriam Plinio, onde fala deles. Suponho que situariam a tribo. Nom falta quem duvida da situação dessa tribo. Falam de que os Namarini estavam na costa e de que havia outros Iegibarri das montanhas do interior. Estou certo de serem os montanheseos do gelo, cognominados hospitaleiros.

TRADUTOR

—*Sabemos que existe um Higinio tradutor, que tem adaptado praticamente toda Rosalia e traduzido do espanhol. Explique-nos os critérios dessas traduções e adaptações.*

—Bom, de Rosalia ainda falta *O Senhor das Botas Azuis* (senhor... nom quero pôr *cavalheiro*). A poesia essencial está. Há muito que temos consciência de que, enquanto Rosalia nom estiver editada dum jeito digno e reintegrado, nom podemos considerar madura a nossa renascida identidade. Nom só falo de reintegracionismo; estou a falar de identidade galega moderna.

O programa de Pintos, realizado pola própria Rosalia, nom chega para vencer no mundo na medida em que nom ganhe o decoro do qual ela mesma nota a falta no prólogo de Cantares.

Por certo, Rosalia sempre vai ser a grande poeta da Península e da Europa do século XIX, mas brilha muito mais se podemos editá-la sem interferências; nom estamos a violentar o texto, simplesmente estamos pondo as cousas no seu lugar, declarando os princípios que guiam tal tipo de edições. Nom edições críticas; sim edições normativizadas e normalizadas com critérios científicos. Enfim, para min teem um valor único, simbólico, fundacional.

Cantares reintegrados já saíra mercê do generoso mecenato da Caixa Ourense. Desde entom as circunstâncias mudaram e progrediram os critérios de ediçom. As *Folhas Novas* nom estavam apuradas. Depois traduzimos *En las Orillas del Sar-Nas Ribas do Sar*. A tarefa de traduçom foi muito mais fácil e grata; aí os preconceitos teóricos já nom som os mesmos. Ao cabo, finalizamos a ediçom apurada de *Folhas Novas* com notas mínimas para mostrar e justificar os critérios das primeiras edições.

—*Estâm finalizadas essas três obras (Cantares, Folhas Novas e Nas Ribas do Sar) e em processo O Senhor das Botas Azuis?*

—Estâm. Da prosa temos feito partes, mas ainda falta. Nom o consideramos tam essencial do ponto de vista identitário. Para nós a poesia é mais importante. *O Senhor das Botas Azuis* pode ficar para mais tarde.

—*Também traduzirom algum livro de Emília Pardo Bazán.*

—É. Sei que suscita preconceitos termos traduzido *Os Paços da Ulhoa*. Emília Pardo Bazán é ãa grande autora e ãa grande mulher, apesar de situar-se nos antípodas do galeguismo. Parece encarnar o século XIX, com todo o que é mais nojento para nós. Mas, a passagem do tempo vai curá-la desses lastros. E o ódio destrui ao que odeia, nom ao odiado. Em definitivo, traduzi-la é a melhor maneira, mesmo irónica, de resgatá-la para a cultura galega. Para mim foi o melhor, mais difícil, dos exercícios de traduçom, o mais rendoso, por traduzir do castelhano para o galego, nom ao invés. Ela procurava manejar toda o saber decimonónico e a ciência última, o que exige muito mais que a linguagem poética ou o léxico rural doutros autores, que procuram atalhos.

–A obra de Emília Pardo Bazán apresenta muitas dificuldades para verter ao galego?

–Foi difícil. Suponho que se puder vou tentar que se edite em edição bilingue, com o texto galego à direita; seria um confronto didático. Pode ser útil para os que nom tenham o hábito do galego-português por tê-lo aprendido no meio urbano. Nom sei se atinei; tive que substituir muitos provérbios e idiomatismos com equivalências e vim-me obrigado a indagar cantos obscuros e esvaídos da cultura do século XIX.

–Também teem traduzido a obra de Venceslau Fernández Flórez.

–Estamos rematando. A tradução foi mais grata e fácil. *O Bosque Animado* é sumamente interessante. Sei que há outra versom, isolacionista... Enfim, se a nossa é boa, viverá. Se nom chega a viver, será que nom é tam boa.

–O maior estímulo para fazer estas traduções som os cursos de Língua e Literatura Galegas.

–Como nom se dão diplomas, nom há outra gratificação que o prazer de participar. Nom há melhor estímulo. Estamos todos embarcados no mesmo navio e continuamos a navegar. A felicidade da singradura é a melhor certeza que poderíamos ter de andar norteados. Andamos próximos do porto desejado, como costume repetir.

–Suponho que terâm pensado publicar essas obras. Os alunos e as alunas desejarâm ter nas casas um exemplar do livro que ajudarom a preparar.

–De momento todo o mundo entesoura pastas de folhas soltas. Isso nom é prático. Haverá que ir para outros modelos, mas já veremos.

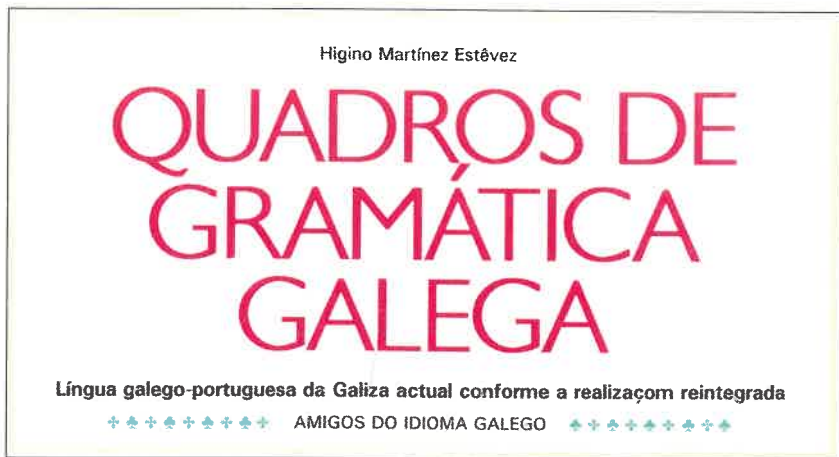
–*Os alunos de que autores gostam mais?*

–Dos que nomeamos. Sempre de Rosalia. A de *Cantares* é mais fácil. A de *Folhas* é agónica. Alguns poemas de *Nas Ribas do Sar* som terrivelmente nietzscheanos ou endemoninhados. Terríveis som, sim, mas de terrível grandeza. *Os Paços da Ulhoa* também gostaram muito. Mas talvez leve a palma a prosa poética de Fernández Flórez. Fazer comparações é difícil e talvez injusto; som épocas diferentes, mas a gente tem manifestado maior alegria com Fernández Flórez. António Mêndez Bardasco, homem muito espontâneo que diz o que lhe vem à cabeça, gostava mais da versom que do original, o qual nom é mérito nenhum porque o mesmo Venceslau Fernández Flórez reconheceu que respiraria melhor se pudesse escrever em galego-português. Dixo-o naquela famosa entrevista de 1931, que se publicou na Agália. Mas, claro, nom se pode dizer.

GRAMÁTICO

—Falávamos antes das traduções e do seu papel didáctico nos cursos de Língua e Literatura Galegas. Higinio Martins é o professor-coordenador dos cursos desde 1977. Daquela os materiais didácticos para o ensino da Língua eram escassos, viu-se obrigado a compor o próprio método? Como surgiram os Quadros de Gramática Galega?

—A gramática fomo-la fazendo e corrigindo pouco a pouco. Lições feitas à mão e distribuídas em fotocópias. Alimentamo-nos das gramáticas de Pilar Vásquez Cuesta, da de Celso Cunha



Capa da obra Quadros de Gramática Galega; obra fundamental da língua galega e primeira gramática do galego reintegrado

e de quantas estavam à mão. Pouco a pouco fomo-la redigindo. Houvo versões anteriores mimeografadas até chegarmos à última, que está feita nãa imprensa, mas que nom se registou. Qualquer pessoa interessada em copiá-la nom tem problema nenhum para o fazer.

—Quando se iniciou a composiçom dessa gramática?

—Praticamente em 1977. A versom primeira, segundo lembro, era em folhas manuscritas e fotocopiadas por volta do ano 87, um poquinho depois de sermos expulsos a primeira vez do Centro Galego. Depois chegou a primeira ediçom tipografada de folhas juntas —se se lhe pode chamar ediçom—; devo de tê-la aqui na casa. Que avanços tecnicos desde aqueles dias! Estaríamos polos anos 90. Esgotou-se e agora temos a formal, em mil duzentos exemplares, dos quais levamos vendidos mais de quatrocentos.

—É certo que também redigiu ãa gramática do céltico?

—Assim é: Essa gramática é de 1996. Nesse campo preparei trabalhos para os congressos da AGAL —ainda estou a dever um—; e tenho muito material nãa pasta, ainda por redigir. Finalmente farei ãa síntese apertada. Eu gosto mais de desenhar mapas; permitem expor brevemente muito conteúdo, sem desenvolvê-lo em pormenores.

Agora também estou trabalhando nãa emissora de FM de Avellaneda, um município do grã Buenos Aires que está imediatamente depois do Riachuelo. Tenho um micro de cinco minutos que desenvolve monograficamente a toponímia dum concelho por semana. Nesses 5 minutos, introduzidos por ãa cortina musical composta por Manuel Castro, falo dos topónimos por ver o que eles nos dizem sobre o passado do lugar. Primeiro comentamos os topónimos germánicos, depois os latinos e os célticos.

–Comente-nos algo da Gramática do céltico: quando começou a elaboração e como foi o processo.

–Pujem-no por escrito para um curso quadrimestral desenvolvido na primeira parte do ano lectivo 1996-97 no Centro Galego. Pediram-no e comecei com timidez. Na verdade pensava que a gente fugiria imediatamente dum programa denso. Curiosamente, de trinta que começaram trinta concluírom. Esforcei-me para dar-lhes três ou quatro folhas todas as semanas –ũa aula semanal–. Chegamos a ter cento e sessenta páginas no formato novo, quando lhe dei forma corrigida, com um vocabulário integrado final e a tradução de todos os exercícios.

No começo pretendia que, com os elementos que lhes estava a proporcionar, traduzissem todos os exercícios que lhes punha. Nos primeiros foi fácil; nos últimos, tendo que compulsar os vocabulários anteriores, era impossível, de jeito que traduzim todo. O curso nom é lúdico e didáctico, mas é mais fácil de andar. O vocabulário final fai-no manejável e mais interessante.

A par traduzimos muitas outras cousas, bem no estilo do séc. XVIII, nos alvares da linguística: traduzimos o Nosso Pai, pujemos um colofom em céltico e textos que aludiam tanto a realidades antigas quanto a modernas, para procurar perder-lhe o medo a algo que poderiam muitos pensar que fosse impossível. Mesmo ter desenvolvido o curso num âmbito non universitário permitiu que nom lhe tivesse tanto medo, porque nos âmbitos universitários às vezes os professores miram ao costado temerosos de perder prestância ante os colegas.

–Teem que cumprir ãa programação, uns objectivos académicos e podem ter o alunado em contra com motivo da qualificação final.

–Exacto. Ali, às avessas, temos desenfado. Estamos num âmbito que é a velha Academia, em que ninguém tem compulsom e o professor nom tem pruritos de poder, nem os alunos de vencer obstáculos para receber a patente, o diploma. Compartilhamos os mesmos interesses. É um âmbito de felicidade absoluta.

PROFESSOR REINTEGRACIONISTA

–Na Galiza os que nom nos querem bem (que cada dia som menos) dizem que os reintegracionistas somos monotemáticos, que nom temos nenhũa teima mais que a ortografia, que só sabemos falar de normas gráficas e mesmo que o nosso interesse por normalizar a língua é mínimo. Naturalmente estes som preconceitos a suportar..

–Eu sempre lhes digo que escrevam o castelhano de Nuevo México com usos ortográficos do inglês; entom verâm em si mesmos o que nos acontece a nós. Nom é preciso perder o tempo com quem nom quer entender.

–Prova de que isso é falso, de que som preconceitos lançados desde o poder ou desde a ignorância, é que dous reintegracionistas levamos juntos quase duas horas e ainda nom falamos praticamente nada do reintegracionismo. Falamos de Oia, do celtismo, dos cursos de Língua e Literatura Galegas em Buenos Aires, dos Amigos do Idioma, da toponímia, etnografia, de lendas... e ainda nom falamos nada do reintegracionismo.

–É que aqui, em Buenos Aires, o reintegracionismo está posto no primeiro plano. É o normal.

–Como foi coalhando o reintegracionismo nesta comunidade rio-platense? Qual foi o impulso primordial: a

presença de Carvalho Calero em Buenos Aires, a leitura dos seus livros?...

—Vamos pôr datas. Primeiro no ano 61, eu nas aulas pergunto-lhe a Branco-Amor professor o assunto que já contei num artigo sobre o próprio Eduardo, se *decir* ou *dicir*. Perplexidade!



Ricardo Carvalho Calero, o mais conhecido professor reintegracionista na Galiza, a quem o prof. Higinio Martins conhecia pessoalmente e mesmo para o que chegou a cozinhar nãa das suas viagens a Buenos Aires.

Ricardo Palmás, que o substituíu e que era reintegracionista de coração, foi polo atalho, como tanta gente de origem galega, sem mudar a ortografia. Nom fijo estudos de Galego, que nom havia; senom que se matriculou no Centro de Estudos Brasileiros, que aqui tem muito desenvolvimento —é o centro com mais alunos para o ensino do português—, e directamente fijo estudos de português do Brasil para encher o vazio que tinha de

Galego. Fácil, mas nom era a solução. Nom o era, porque é um trabalho que temos que fazer nós também. Mas ajuda muito. Além disso, usava a ortografia castelhana.

—Ricardo Palmás aproveitou a universalidade do idioma...

—Era lexicamente reintegracionista, mas faltava o brilho oral de Branco-Amor. No 77, quando comecei a lecionar eu, a ortografia foi ãa surpresa para muitos. Comecei a mostrar a

realidade e a debater em público cada palavra. O primeiro texto trabalhado foi *A Gente da Barreira*, e Carvalho Calero, que morfológicamente era o melhor que havia na altura. Pouco a pouco, fomos vendo e debatendo palavra por palavra, de jeito que para ãa frase talvez tínhamos que dedicar a sessom inteira. E as sessões daquela eram de quatro horas, aos sábados!

Houve alguns que se forom e começaram a dizer –eu que sempre me confessei católico– que eu era comunista, que era tal cousa, mas ao mesmo tempo nom puderom argalhar nenhũa cousa bem feita para deitar-me fora, até que chegou o ano 86. Neste momento conseguírom-no porque existiam as normas da nova Xunta, as de Fernández Alvor. Foi na altura em que levarom os restos de Castelão.

–Em 1986 censuraram os cursos...

–A primeira vez custou-lhes muito expulsar-nos das aulas e agora custou-lhes ainda muito mais. Agora tiverom directamente ãa ordem de Amarelo de Castro. Diziam que nom havia fundos, mas para o celtismo sim os havia. Nom sei se *off the record* ou nom, a gente do programa que conversou com ele escuitou-lhe dizer exactamente: “celtismo sim, língua nom”. Eu também som incómodo. Nom quero ser presunçoso, mas algum prestígio tinha, de jeito que expulsar-nos lhes foi duro. Custou-lhes bastante.

–Entom o ensino do galego-português já tinha começado em 1977?

–Assim é. Eu mesmo tinha medo do que estava a descobrir. Foi um processo pessoal um tanto complexo, talvez agónico. Depois soubem que lhe venderam a Montero Santalha que eu era

ânti-reintegracionista porque quando respondim a convocatória para a vaga escrevim-na com ùa ortografia similar à empregada no artigo que publicara sobre os Lúgoves em Grial no ano 78. Usava -N final, mas -NH- e -LH-. Os acentos seguiam as regras do catalam. Enfim, ùa mistura complexa.

Mas ao começar o primeiro curso já nom houve perdas. As palavras pesavam por si com a sua própria história. O último passo, dado uns anos depois, foi aceitar o til de nasalidade. O til deve ser recuperado porque doutro jeito nom há possibilidade nenhũa de integrar os diversos dialectos galegos. Nom só historicamente no passado, mas também no presente.

—E nesses começos tiverom importância os artigos de Coromines na Grial?

—Muita. Eu estava a lê-los simultaneamente.

—E mesmo talvez o Manifesto de Roma ou algum texto de Martinho Montero Santalha?

—Nom, isso soubem-no depois. De Montero Santalha o primeiro que conhecim foi o escrito em Grial. A distância é enorme e nom tínhamos boa comunicaçom. O que poderia aparecer publicado na imprensa da Galiza em Buenos Aires poucos o liam.

O bibliotecário do Centro Galego foi quem me deu a conhecer os artigos em Grial de Montero Santalha e Coromines. Aí conhecim a vergonha da atitude de Pinheiro. É bem incómoda a posiçom dos linguistas de encargo; sentem friagem e íntima vergonha e revolvem-se ao sentir a indignidade. Amargam-se a vida. Quando já tens solucionado o pam, necessitas mais algo.

–E nom conhecia o Manifesto de Roma?

–Nom conhecia. Soubem depois que Montero Santalha fora promotor e um dos participantes. Mas o primeiro que lim dele foi o artigo em Grial, terçando na polémica entre Ramom Pinheiro e Rodríguez Lapa sobre o caminho do galego. O contexto estaria presente nalgumas notícias, mas nom reparei nelas. Montero Santalha é pai do reintegracionismo, mas daquela eu nom o sabia.

–Entom pode afirmar-se com rotundidade que o reintegracionismo moderno na escrita tem nascido em Buenos Aires.

–O artigo dos Lúgoves escrevim-no no ‘75 e foi publicado no ‘78. E com efeito escrevim-no com NH e LH. Mas cumpre aclarar que já nos anos trinta, n’A Fouce, Ricardo Flores escrevia em reintegrado. No 77 praticamos a reintegraçom desde o mes de Abril, em que começamos.

–E é posterior a este seu?

–O Manifesto de Roma? Nom sei, na verdade nom o sei. Nom sei se o de Santalha é do 75 ou do 76. O reintegracionismo estava no vento.

–O reintegracionismo bonaerense foi cronologicamente precoce e possui traços normativos próprios...

–É essencialmente ãa norma reintegracionista, mas nos pormenores é o produto dũa longa elaboraçom de 26 anos. Quando no ‘77 comecei a ditar galego (lembra-lo dá-me vertigem) ia às apalpadelas. Lera em Grial a polémica de Lapa e Pinheiro, e o

FIJEMOS VINTE E CINCO ANOS

Encerramos o 2001 e ficou assim aperfeiçoado um quarto de século ininterrupto de cursos de galego reintegrado em Buenos Aires. Celebramo-lo comendo, qual é uso, e honrando os que aqui são modelos de galecidade insubornável e nos orgulham contando-se entre nós: alfabeticamente, Denis Conles Tizado, jornalista e agudo observador social, Fiz Fernández, médico e antropólogo, Ricardo Flores, dramaturgo e precursor do reintegracionismo nos '30, Manuel Martínez Lame-la, promotor e protector dos cursos, cuja iniciativa lhe pertence, e Antonio Pérez Prado, epistemólogo e historiador desta comunidade. Todos os cinco foram declarados Membros de Honra de Amigos do Idioma Galego.

E tópico nestas ocasiões dizer "foi mesmo ontem quando começamos". É, foi ontem quando encetamos este percurso, intimidados pola ousadia de defrontar as cousas tal qual nos apareciam. Nom foi nada extra-

ordinário, fora de evitar o caminho trilhado. Ganha o desportista que comete menos erros, dizem os jornais e estão no certo. Nom cometer erros às vezes chega para atinar. O resto é a felicidade de fruir o trabalho de auto-reconhecimento que é o labor linguístico, e viver esses momentos que se pressentem históricos, talvez turvados de leve pola angústia dum futuro no que se creê mas que nom se vê.

Lá nos começos, todos nós criamos que os muros de Jerico cairiam só com tocar as trombas. Nom foi tam doado. Ao compasso do nosso crescer foi crescendo também a resistência, cada vez mais conspicua e desembuçada, mais desvendada e indecorosa. Pero, a consciéncia da identidade já vai sendo visível, mesmo para os distraídos. O desejado acordar do sono secular já se está a produzir, com esse ritmo e impulso que caracteriza os movimentos históricos da Galiza, sempre de mares lentas mas inesperadas



Branco-Amor

CONTEÚDO

Página

Fijemos vinte e cinco anos	1
Branco-Amor professor de galego e outros labores seus em Buenos Aires (Ilgino Martins Estévez)	2
O que a etimología de ORRACA vem desvendur (Ilgino Martins Estévez)	5
Viajando polo dicionario (Manuel Iglesias Iglesias)	7
Novo consello da AGAL	9
Galiza: o nome legítimo do país	9
A Real Academia Galega rejeitou a normativa de concordia	9
O galego chega ás escolas do Berzo	10
Inicio Iglesias. En Asturias temos dous idiomas	10
Santiagoño (Estrela Vata)	11
Percebiñda nº 15	12
Informacións institucionais	12

Enderezo: Rúa Virrey del Pino 2345, 3º A, Buenos Aires
CP 1426, República Argentina.
Teléfono/Fax: 00-54-11-4783-7510
Correo electrónico: adigal@uolinetix.com.ar
Página en Internet: www.adigal.org.ar

ADIGAL é o boletim da Associação Amigos do Idioma Galego, criada polos alunos dos cursos de língua para apoiá-los. Os cursos nascerom em 1977 e a associação nos '80. A sua história é a dos trinta anos consecutivos desses cursos.

terçar de Coromines e a intervenção do Martinho também. Nunca pensei em intervir. Nom som dado a falar em público, nom era, agora estou mais afeito. Só pretendim pô-lo na prática. Se tens pouca força, mais vale empregá-la no ponto exacto, o único útil.

Nunca usei *umha*, que contradiz a regra histórica de eliminar o agá interno mudo, acantoando-o para assinalar a palatalidade. Escrevíamos *um.a* com ponto entre o M e o A, para notar a fronteira silábica. Era rigoroso, mas nom dava estético, e a estética é essencial nas grafias. Fazia pesado, era longo. Adoptei pronto o critério de R. Lapa, a solução medieval já existente: *ũa*, como escreveu Camões n' *Os Lusíadas*. Ainda no Renascimento era preferida, e é hoje a forma usada para representar a língua rural do Norte de Portugal ou do Nordeste brasileiro.

Nos computadores, às vezes, nom posso grafar U com til de nasalidade e ponho U com circunflexo. É complicado, mas sem remédio. O aprendizado é árduo, mas inescusável. Assim iremos crescendo. O que nom se fijo em séculos, faremo-lo em anos, o que nom está tam mal.

—Escrever umha, uma ou ã é um tema concreto para o debate filológico; um indicador de boa saúde do movimento reintegracionista. Nom todo tem de ser já perfeito, pode-se transformar ao longo dos anos.

—Com boa vontade, entre gente que quer chegar à verdade, esse nom é problema; é um prazer.

—Ninguém tem verdades absolutas. Todo se pode debater com tranquilidade. Se ãa maioria adire a um critério, escolhemos esse como norma.

–Claro!

–Voltando aos cursos... como foi acolhido o ensino do galego tradicional?

–Ah, estupidamente! A gente sentia-se protagonista; vivíamos um momento mágico. Era estar vivendo algo histórico do que éramos protagonistas.

–Um dos seus colaboradores foi Antom Santamarinha, hoje retornado na Galiza. Ocupou-se de ditar as aulas do curso elementar?

–Assim foi. A colaboração de Antom Santamarinha permitiu ultrapassar um dos primeiros obstáculos que puseram às aulas de Língua. Arguia-se que, ao debatermos nas aulas palavra por palavra, o curso tinha um nível excessivamente elevado. Grã mentira porque o primeiro intuito que nos propujéramos era que qualquer pessoa, com a cultura que tivesse, ou mesmo sem ter qualquer cultura sistemática, pudesse entender e debater. Dávamos os elementos básicos para que a gente debatesse e decidisse. Deste modo, podia assistir ãa pessoa que estivesse formada em Letras ou em Ciências, ou que nom tivesse formação; porque os elementos para a reflexom os expunhamos todos ali. E daquela tínhamos bom cuidado de expor todas as variantes dialectais e todo o esnaquizamento léxico do galego popular!

Ao dizerem que o curso tinha nível demais, decidimos introduzir o curso elementar. Os alunos entravam no nível elementar e acabavam conhecendo bem o galego médio tradicional.

–Antom era o professor do nível elementar?

—Pujemo-nos de acordo com Antom Santamarinha, que tinha boa vontade, e colaboramos. Juntos redigimos a primeira gramática, que ele mecanografou. De tal maneira que a primeira gramática foi feita aqui, nesta casa, neste mesmo âmbito, eu sentado aqui e ele aí. Ele mecanografava e, depois, dobrávamos e fotocopiávamos as folhas. Depois ele acrescentava textos da sua autoria.

—Antom retornou para a Corunha.

—Antom Santamarinha depois voltou para Galiza e trabalhou na Televisom Espanhola. Algã vez veo por aqui. Notei-no um pouquinho tocado polas circunstâncias da sociologia galega, que pesa dolorosamente. Mas conserva o sentimento básico.

—Mais tarde a vaga de Antom foi coberta por Antónia Luna...

—Com efeito. A propósito, Antónia Luna é quem tem aqueles textos, a primeira gramática que daquela nom chegara a ser impressa. Antónia guarda um exemplar. Eu nom sei se o tenho.

—Entre os assíduos dos cursos de Buenos Aires figurava um comediógrafo, musicólogo e histórico activista da Pondal. Falamos de Ricardo Flores, também membro da AGAL.

—Quando fum à primeira entrevista para ganhar a cátedra de Língua, ele estava ali. Ricardo Flores fora reintegracionista toda a vida, sumamente preocupado polos timbres. É curioso, porque nom fijera estudos linguísticos sistemáticos e, contodo, sempre tinha o critério certo sobre o timbre correcto nãa palavra.

—E por que estava ali? Porque ia fazer as provas para professor ou porque tinha um cargo institucional? ...

—Nom sei. Nunca soubem se houve outros candidatos para lecionar o curso. Sei que Pampillom e Víctor Molinari, que daquela pesava muito ali, derom-me o posto de forma imediata, de modo que nom sei se se apresentaram outros candidatos.

—Ricardo Flores era directivo...

—Creio que era vogal no Instituto Argentino da Cultura Galega. Suponho-o porque o foi depois por muitos anos. Quero salientar que os cursos de galego devemos agradecer-lhos ao Sr. Manuel Lamela. Foi ele que permitiu os cursos. É um empresário exitoso cujo grande prazer é viajar polo mundo; conheceu a China e Rússia antes de que se levantasse a cortina de ferro. Sempre estivo marcado por um desprezo que sofreu a mãe por falar galego, sendo ele pequeninho, em Monforte de Lemos. Como presidente do Instituto foi que convocou para a vaga do curso de galego. Quando já nom era presidente, fomos expulsos pola primeira vez. Depois, ao voltar a ser presidente do Instituto, chamou-nos de novo. Ao terminar o mandato, fomos outra vez expulsos.

—Dentro do Centro Galego chegou logo nũa vez a haver cursos simultâneos de galego?

—Houvo. Antes de sermos expulsos por primeira vez, a Junta mandara professores que ministravam cursos dum mês. Primeiro foi Jesús López Valcárcel, o segundo foi o José Ermida e o terceiro, Monjardín. Com Valcárcel chegamos a um *status quo* e coincidimos. Ermida era menos dialogante. Com Monjardín nom tivemos diálogo porque eu já fora expulso.



De esquerda para direita: o célebre dramaturgo galego Ricardo Flores, o presidente durante dous mandatos do Instituto Argentino da Cultura Galega, Manuel Lamela e, finalmente, o prof. Higinio Martins (La Voz de Galicia, 1 de Março de 1992).

—Logo houvo algum ano em que havia cursos simultâneos. Haveria alunos que ia aos dous para comparar.

—Havia e isso era o boníssimo. Tínhamos mais matrícula. Dos que se achegavam pola convocatória da Xunta os mais acabavam no nosso curso. Por isso bendizemos todos os cursos promovidos pola Xunta, porque sempre nos trazem gente. Sempre, inexoravelmente.

—Agora que cursos existem?

—Este ano (1997) nom mandaram professores para o Centro Galicia e o Centro Galego. Nom sei por quê. Sim sei que há um na Universidade de Buenos Aires, cujo nome nom lembro, e nom sei se haverá outro na de Belgrano, que é privada e está na zona Norte de Buenos Aires. O seu dono, Avelino Porto, é filho de galega e asturiano ou ao invés. Nessa universidade há um

professor de geografia que desde há bastantes anos fai cursos com audiovisuais para promover viagens turísticas.

—E existem cursos noutras cidades da Argentina?

—Nom creio. Com a densidade desta cidade o que temos é pouco, no interior nom há urdume suficiente. Em Córdoba chegou a haver ãa importante colectividade galega, mas disso já há muito tempo.

—E as pessoas assistentes aos cursos manteem o interesse um ano sim e o outro também?

—O dia escolhido para os cursos é o sábado, dia para cenáculos, para minorias intelectuais, religiosas, etc. O sábado é espaço bom para o que trabalha toda a semana, e a par é espaço de ócio. Muita gente nos dedica esse tempo, e persevera. Entre os que veem há um amplíssimo espectro de educações e níveis culturais. Temos muitas mulheres de galegos, de origens diversas, que veem por amor aos cônjuges. Temos netos e tataranetos. Por caso, há um engenheiro químico, Fernando Bonino, que nos professa ãa simpatia total e cujas ligações com a Galiza som remotas: tem um velho parente político, com tantos anos como Flores, aproximadamente, chamado Filhoi e de origem galega, que é um grã escritor. Um dia por Fernando enviei-lhe a etimologia de Filhoi, que é FILIOLI, equivalente a *fili ecclesiae*.

—Surpreende que moitas das pessoas que assistem aos cursos som engenheiros, médicos, enfermeiras, psicólogos... procedem do âmbito universitário.

—É que som os que estão em melhores condições para começar a fazer a busca da identidade.

DA LÍNGUA GALEGA

—Vamos abordar agora algũas questões relacionadas com a língua galega que podam interessar às pessoas que se achegam à nossa língua com ánimo de conhecê-la melhor, ou às pessoas que se achegam ao galego reintegracionista defendido polo professor Higino.

Comecemos com ãa dúvida geral: donde vem a gheada? É um traço próprio e legítimo da língua galega ou deveríamos esforçarmo-nos por corrigi-lo?

—Da origem da gheada escreveu Zamora Vicente a peregrina tese de que era pré-romana: a meu ver, ãa toleima. Por que nom existe ao sul do Minho? J. L. Pensado fijo o melhor estudo. Nom há rastos anteriores ao fim do séc. XVIII e começam a amiudar os testemunhos no XIX. A área de difusom som as Rias Baixas, depois as Altas, e progride devagarinho para leste. É produto da desfeita fonológica do galego no momento em que as classes altas galegas abandonam a língua mesmo no nível coloquial, no séc. XVII. O conde de Gondomar e as suas famosas cartas som o canto de cisne. Nom é o intento de imitar o som velar surdo do castelhano, mas um dominó que a interferência castelhana precipitou. A análise fonológica seria prolixa aqui, mas isto é a síntese do que hoje sabemos decerto do caso. Em suma, nom é arremedo do J castelhano, sim reacçom em cadeia produzida pola destruiçom de estruturas fonológicas. A destruiçom é que é produzida polas

isoglossas castelhanas. Dizem alguns que é fenómeno velho, que o tempo o valoriza e consagra. Nom é, é fenómeno patológico, enfermidade que leva para a morte da língua. Os que o dizem, consciente ou inconscientemente, procuram desembaraçar-se da língua que os envergonha.

—Falando do J. Hoje há quem diga que é letra espanhola, imprópria do galego. Sustém-se no galego oficial que deveríamos empregar X ali onde os portugueses empregam J.

—O grafema ou letra J apareceu com nome de I longo no tempo do Império para distinguir o I vogal do I consoante (elemento fechado de ditongo). Este depois virou para consoante fricativa na maioria das línguas românicas (J francês, galego-português, etc.). Esse som, nos séculos XVI e XVII, em castelhano ensurdeceu (X) no primeiro momento, e depois esvarou para o som do alemão ICH, similar ao J do castelhano americano. Na península o ponto de articulação continuou a recuar e hoje pode soar quase uvular e fortemente constritivo. Cumpre diferenciar sempre letras ou grafemas (signos gráficos) de fonemas (unidades distintivas da fala). O grafema J está na escrita de todas as línguas que nos rodeiam e esteve presente na língua galega desde os seus inícios. Outra cousa é o som em castelhano, que além do castelhano só observamos no alemão (entre as próximas).

O amor ao X com efeito acompanhou o diferencialismo galego até a emergência do reintegracionismo. Ainda triunfa nos bables asturianos. O certo é que consagra a subordinação ao castelhano, que lhe concede o consolo da casinha que ele deixou vaga. Carvalho Calero dizia que esse traço fazia do galego a “ovelha negra da România”. Lembro no primeiro congresso da AGAL, do 84, o advogado Nemésio Barxa, que resistia os

câmbios. Depois continuou militando no reintegracionismo, mas deixou intacto o apelido. É ãa contradiçom. Será polo amor ao X. Devera ser VARJA, aparentado com VÁRZEA, que castelhanizam grafando Barcia, palavras bem emblemáticas por virem do céltico *BARGENA.

–E que nos pode dizer dos famosos NH e LH portugueses? Existiam também na Galiza?

–LH e NH existiam. Forom importados do provençal, mas eram congruentes com o medieval valor de iode do H. Estâm nos Cancioneiros de Vaticana e da Biblioteca Nacional. Nom nas Cantigas de Santa Maria porque aí já começava a pesar a política de Estado, apesar do qual mesmo na Crónica Geral se coarom muitos NH.

–E o Ç, que muita gente imagina português ou francês?

–O signo Ç foi inventado na península e na Idade Média exportou-se para a França. Mesmo em castelhano foi geral até a reforma do séc. XVIII pola Academia.

–Em galego reintegrado escreve-se, por caso, INFORMAÇOM ou CLASSE no sítio de INFORMACIÓN ou CLASE. Estas diferenças gráficas do galego reintegracionista exigiriam pronunciar o galego de modo diferente às actuais variantes?

–Cada quem deve continuar pronunciando como aprendeu no seu ambiente. A língua escrita representa a oral, nom ao invés. Mas o reflexo escrito desvia-se necessariamente, porque interessa que seja unificado. Quer dizer que todos os galegos –eu mesmo– pronunciam [asi’], mas cumpre escrever ASSIM, a forma histórica

comum. Nom todos os falantes lusófonos pronunciam igual; alguns quase nom nasalam. É o caso do SIM advérbio afirmativo. Com -ões e -ões acontece o mesmo. Semelhante é o caso de HOMEM. Nom pronunciamos o -M, mas nom dana escrevê-lo e assim concordamos.

As diferenças das grafias a respeito dos sistemas fonológicos existem mesmo no castelhano, que junto do italiano é das mais “fonográficas”.

Na Argentina, mesmo os falantes cultos pronunciam [utensiyo], com Y fortemente fricativo, apesar de escreverem “utensilio”, porque a tradição léxica no momento de transplantar-se a língua pronunciava [utensilho].

O da “fonografia” conduz à fragmentação de qualquer grande domínio linguístico. Assim desapareceriam o inglês, o francês e o castelhano (e o galego-português). Ninguém o pede hoje para o castelhano. E desapareceria mesmo o galego isolado. Ponho o exemplo de *irmãos*. Se nom resistimos a tendência a refazer a escrita e escrevemos com o critério do isolacionismo: *irmáns*, perderemos a lealdade do conjunto do domínio galego restrito. A maioria dos galegos pronuncia [*irmaus*]. Ûa pequena parte do oriental e exterior ainda realiza como na língua antiga e no português, mas recua. Para normativizar, o isolacionismo prefere a forma das Rias Baixas *irmáns*. Nesse traço teríamos três soluções (três microlínguas). Se nom queremos três línguas, devemos cifrar as pronúncias nũa grafia única, para sobreviver. Preferir ùa variante é decerto consagrar o isolamento e logo a perda certa do idioma; os desatendidos nom se solidarizam com a língua artificial que lhes propõem.

—Mas o galego oficial nom só introduziu usos gráficos estranhos à história da língua galega, também realizou escolhas curiosas no plano das palavras. É o caso da palavra ARESTORA, inexistente para além das nossas fronteiras e, nom obstante, constantemente usada nos meios oficiais galegos.

—ARESTORA existe, mas nom é geral. Documenta-se em Ourense, em Verim e Ginzo de Lima ao menos. É composto de *ARA (por ORA em posição átona), ESTA e ORA. Nom lhe vejo possibilidades de substituir outras expressões comuns. Por fortuna, os intentos de criar um galego artificial afastado da fala comum galega e galego-portuguesa estã condenados de antemão. Podem fazer dano, atrasando o processo de convergência natural.

Os critérios que se usaram na construção do galego oficial teem dous níveis, os explícitos e os subliminais. O inconsciente bem os guia. Muito trabalho de campo para nom ver o bosque. O critério fundo era e é afastar todo quanto for possível os falares galegos entre si, e o seu conjunto do português. Daí as absurdas escolhas de dialetalismos de pequenas comarcas expandidos para o galego pretendidamente comum, sem mais título que diferir do vocábulo padrom comum.

—Existem duas tendências predominantes no galego reintegracionista: a dos que defendem a igualação gráfica e léxica com o português e a dos que preferem manter singularidades galegas. Em qual se situa o professor?

—Há certamente um debate sobre a ortografia entre reintegracionistas. Importa muito mantê-lo em bons termos. Os mais hoje parecem uniformadores. Nom descarto escrever na norma portuguesa em contextos amplos. Só quero reservar-me o direito de usar formas galegas legítimas, que nom diminuem a

consolidação da língua e enriquecem aos mesmos portugueses, que nelas se reencontram.

Vamos pôr um exemplo. Conviria mantermos o uso do CHE. As razões que o aconselham (apesar de nom ser moderno em português) som que é quase geral no galego subsistente (poderias perturbar o uso remanente dos alunos com certo conhecimento prévio). Além disso, tem rendimento. Por caso, é necessário para distinguir os usos galegos de QUERER “buscar” e QUERER “amar”.

A pluralidade (de certo nom exagerada) de usos gráficos, ao menos de momento, nom é só aconselhável por tolerância e espírito democrático. É necessária porque há diversos ritmos de aproximação no aprendizado. A norma AGAL foi e é boa para aproximarem-se os de fora, os que andavam desapercibidos da questom. A norma AGAL oficial de máxima (com til) cumpre-lhe aos que já conhecem e entendem a história. Além desse ponto nom há mais formalizações que a portuguesa, a brasileira e a do Acordo do 90.

—Mudando o tema, que pode dizer a respeito da expressom HÁ QUE ou HAI QUE? Tenho entendido que o senhor assevera que é castelhanismo. Como deveríamos dizer, pois?

—Os brasileiros teem TEM QUE, que para nós seria ambíguo. Para eles é perfeitamente impessoal. Em Portugal predomina É PRECISO e, algo menos (é mais arcaico), É MISTER. Nós dispomos destes últimos, e também de CUMPRE. Também vivo no povo, mas nom considerado na atenção dos escritores, é TEM-SE QUE.

Todas elas seriam formas correctas para substituir o HÁ QUE castelhano.

–Como saberá, um dos elementos culturais galegos que está a considerar-se mais emblemático é o hórreo, que começa aparecer como ornamento em muitas casas galegas, bem a tamanho real bem em miniatura. Que nomes tem em galego?

–A denominação hoje predominante é HÓRREO, que é o latim *horreum*. Derivados populares dele só subsistem na toponímia: *orro* e *urro*. Em Oia usa-se CANIÇO, forma viva, por terem sido feitos de canas. Usa-se em Ponte-Vedra, em sítios vários, e em Ginzo de Ambia, em Ourense, ao menos. CABACEIRO ou CABACEIRA também é frequente, sobretudo para os mais arcaicos e pequenos, similares aos que viam os romanos, cónicos de ramos tecidos e cobertura de colmo de centeio. CANASTRO é algures, em Ponte-Vedra. E CESTO. PIOR-NO um pouco por todas as partes: Sangenjo, Cambados, em Ponte-Vedra, e muito em Lugo. CELEIRO corre também, mas denomina precisamente outra construção para cereais. Em Portugal predomina ESPIGUEIRO, ao lado de CANASTRO e SEQUEIRA. Há muitos mais.



O hórreo é um dos elementos simbólicos da identidade galega. Recebe diversos nomes por toda a Galiza e actualmente começa a aparecer frequentemente como ornamento nos jardins.

AGRADECIMENTOS

Os autores desejam transmitir o seu profundo agradecimento a um conjunto de pessoas sem as que, de um modo ou de outro, este livro nom teria sido possível:

ALEJANDRO RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ

NÉLIDA ESTÉVEZ PÉREZ

NÉSTOR ESTÉVEZ PÉREZ

RAQUEL ESTÉVEZ GONZÁLEZ

ESTHER ESTÉVEZ GONZÁLEZ

ALICIA ESTÉVEZ GONZÁLEZ

GERARDO REBAGLIATI

INÉS VICENTE CARABELOS

JUAN VICENTE GONZÁLEZ PÉREZ

MARIA DO CARMO COZINHA COZINHA

GLORIA FERNÁNDEZ POLÍN

E entre todas as pessoas que fígerom possível este trabalho é estritamente necessário destacar a gerente comarcal do Baixo Minho, Carmen Somoza Torres, polo seu generosíssimo, incansável e extraordinário labor.